ANO 1.º LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 1921 N.º 148

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas

RUA DO MUNDO, 11.6, 1.

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico IDiboa

OS BANQUEIROS de Lisboa e Porto ofereceram o seu apoio e a sua colaboração ao governo, a fim de sairmos do mau passo em que nos achamos.

O «Diario de Lisboa» não necessita de encarecer a significação deste gesto. O dinheiro, como já aqui escrevemos, tambem tem o seu patriotismo e neste momento cabe lhe cumprir uma alta missão, impedindo, sobretudo, que Portugal financeiramente se desnacionalize.

Nós carecemos de afirmar a nossa consciencia, em todos os campos, pois só assim a Patria resistirá á crise presente.

Achamos bem, portanto, que o oferecimento dos banqueiros não fique só em palavras. O governo deve aproveitá-lo, dentro do conjunto de medidas salvadoras que vai pôr em prática. Que cessem todas as desconfianças, entre os varios elementos do trabalho, da iniciativa, da produção e do pensamento nacional. Basta de cizanias e motins!

* * *

A QUESTÃO dos electricos deve ressurgir, dentro em breve, para desconto dos pecados dos lisboetas. Governo, municipio e companhia guardam silencio absoluto, a despeito dos boatos e *constas* que em volta do caso têm surgido e que já chegaram a ponto de vaticinar a renuncia daquela ao monopolio da viação electrica. O boato gera o boato—diremos, parodiando a sediça frase latina. Agora mesmo nos assopraram ao ouvido que, a ter realização esse proposito do sindicato inglês, determinado grupo financeiro, ultimamente robustecido com avultados capitais estrangeiros, oferecerá á Camara Municipal os seus serviços.

* * *

MUITAS pessoas de representação se inscreveram já para o banquete que um grupo de amigos vai oferecer ao sr. capitão Cunha Leal.

* * *

EM Cabo Verde andam ao mesmo tempo a fome e a peste.

E' uma terra de desgraça! — disse-nos alguem ontem.

Pois, apesar disso, ainda a politica por lá encontra pretextos para rixas.

* * *

PARA completar a informação das gazetas matutinas de hoje, diremos que o oficial que desafiou para duelo o sr. Feliciano da Costa, é o capitão aviador, sr. Antonio Maia.

* * *

UM MISSIONARIO que, durante trinta e cinco anos, andou aldeando e prégando nas nossas colonias, regressou á metropole tão exausto de fôrças que, levado para o governo civil, nem ao menos soube dizer de que terra era ou se ainda tinha familia.

Peor do que êste só conhecemos o caso de um desgraçado que, após uma ausencia de largos anos no Brasil, apesar de saber bem onde moravam os seus, que sempre favorecera, soube coisas tais, ácerca dêles, que não teve coragem para os procurar.

PORTUGAL LÁ FORA

EM QUE SE FALA DE ANDREA RONCALLO, PERSONAGEM ORIUNDO DA "COMEDIA DELL'-ARTE" E CONSUL DE PORTUGAL EM GENOVA

O nosso país adquire, lá por fora, um lustre novo que muito há de concorrer para restituir o bom humor aos povos vitimas de pesadelos e melancolias.

Dantes, os franceses nem se cansavam a indagar onde ficava Portugal: como suspeitavam que eramos dáquem dos Pireneus, confundiam-nos com os espanhois. Mostravam assim que não sabiam geografia e que tinham por nós um relativo desdem.

Ultimamente, porêm, o mundo principiou a interessar-se pela nossa existencia, visto que nós damos que falar, um pouco por toda a parte.

Que histórias! Que vergonhas!

O caso que vamos contar não é unico, visto que se tem repetido em latitudes diferentes, com simples mudança de personagens e scenario. O efeito sempre o mesmo — o descrédito do nosso nome.

Os T. M. do E., sob êste ponto de vista, realizaram já uma obra. Embora nos tenham ficado algo caros, devemos confessar que crearam a nossa respeito e desfavor algumas anecdotas memoraveis.

* * *

O leitor conhece, porventura, um genovês chamado Andrea Roncallo, bacharel e negociante de queijos? E' provavel que não, visto que êste patusco só agora conseguiu notoriedade bastante para despertar a nossa atenção. Baixo, atarracado, vermelhusco, ventrudo e manhoso, pertence ao numero dos personagens que se nutrem e engrandecem á custa da nossa credulidade.

Sendo Joaquim de Araujo nosso consul em Genova, Roncallo fez-se nomear vice-consul. Aspirava, porêm, a mais — queria ser consul, o que lhe foi facil alcançar, quando o titular do posto enlouqueceu ou morreu.

Um português, instigado por êle, não teve pejo de ocupar o lugar que êle deixava!

Alguem, um dia, vendo a importancia que o grande porto da Liguria ia tomando, mesmo para os nossos interêsses, levou o nosso ministerio dos Estrangeiros a considerá-lo consulado de carreira e a colocar lá Jaime de Seguier.

Parecia que chegara para Roncallo a hora de desaparecer do nosso horizonte, pois o consul e o vice-consul de Portugal em Genova eram portugueses e pessoas competentes.

Roncallo — que onomatopeia zurra neste nome! — graças a artes mágicas e a alguns tolos que logrou, surgiu, uma dada manhã, consul honorario de Portugal!

A nossa representação consular passava a compôr-se de mais um novo elemento, aparentemente decorativo — Andrea Roncallo. Com a nomeação, apanhou tambem o oficialato de Cristo. Espertalhão a valer, posto que com um ar de papalvo inocente, insinuou-se tanto no animo de Jaime de Seguier, que êste propôz, com êxito, que êle o substituisse, nas suas ausencias ou impedimentos, apesar de ter um substituto legal — o vice-consul.

Esta situação anomala durou sómente até que as prendas que fazem de Roncallo um *figurão* foram bem conhecidas do seu protector inocente.

Mas não perdeu o seu tempo ao serviço de Portugal, porque, estalando a guerra, como a sua espessa gordura não o livrasse da mobilização, tais coisas alegou em Roma, na nossa legação, junto do Quirinal, que o sr. Eusebio Leão, preguntado pela Consulta se Andrea Roncallo era prestimoso em Genova a Portugal, disse que sim.

Isto foi o bastante para que êle não sucumbisse, no futuro desastre de Caporeto. A gratidão, porêm, não é um dos seus sentimentos favoritos, pois fingiu sempre que, se não tomou parte na guerra, foi, no emtanto, um dos bravos comerciantes da retaguarda.

* * *

Quando Pinto da Fonseca, nosso benemerito consul em Napoles, deixou o lugar de agente dos T. M. do E. logo Roncallo o substituiu, embora fosse poderoso accionista de uma companhia de navegação que explorava as mesmas rotas.

Ficava consul honorario de Portugal e agente dos T. M. do E.

Nesta qualidade, claro está, toda a carga que arranjava a desviava para os barcos da sua empresa, um dos quais se chama, com muito aproposito, «Marco Antonio».

Como, porêm, os navios dos T. M. do E. andam quasi sempre sem vintem, Roncallo fez-lhes diversos fornecimentos. Desconfiado, reclamou de Lisboa o respectivo pagamento. Não alcançando resposta satisfatoria, vingou-se, promovendo, por interposta pessoa, um arresto no vapor «Santo Antão», que acabava de entrar no porto de Genova.

O consul Seguier passou as passas do Algarve para o fazer levantar.

Vingou-se com outro arresto, no mesmissimo «Santo Antão», logo que êste lá voltou.

Entrementes, a administração dos T. M. do E. decidia se a mandar para Genova a importancia do seu débito a Roncallo e outros. Em vez de se dirigir ao consul efectivo, enviou a ordem de pagamento ao consul honorario. Escusado será dizer que êste começou logo por se pagar a si proprio, não enviando a nota da liquidação nem o saldo.

Os T. M. do E. dispensaram-lhe os favores e as habilidades. Como os seus navios continuassem a navegar entre Lisboa e Genova, arranjaram naturalmente outra divida nesta cidade, se bem que já não houvesse um agente que velasse por êles. Há dias desembarcou em Lisboa um outro genovês, cujo nome desconhecemos, credor dos T. M. do E., que, em vinte e quatro horas, conseguiu ser nomeado para o lugar em que Roncallo, esquecendo-se que era consul honorario de Portugal e oficial de Cristo, dera tão más provas de si.

Que fará o novo agente dos T. M. do E.?

Provavelmente há de pagar-se a si proprio primeiro que aos outros credores, pouco se importando com a carga dos navios, a não ser para o efeito de cobrar os fretes... salvadores. O facto de êle se comprometer a dar carga completa aos navios dos T. M. do E., que forem de Lisboa para Genova e daqui para a America, não é por si só um indicio seguro da sua sinceridade?

Ao sr. ministro dos Estrangeiros preguntamos: — «Quando demite Roncallo de consul honorario de Portugal em Genova? Quando lhe é retirado o oficialato de Cristo?»

INFORMA o «New York Herald» que o ministerio da Instrução de Washington acaba de decretar os banhos de chuva obrigatorios duas vezes por semana, em todos os estabelecimentos de ensino. Esta medida é aplicavel a professores e alunos.

Se no nosso paiz fosse publicado um decreto dêste genero, não faltaria quem classificasse de humilhante a idéa de lembrar aos que ensinam a obrigação de cuidar da sua higiene por imposição do «Diario do Governo». Assim como se reconheceria tambem a impossibilidade de realizar essas abluções bi-semanais por falta de agua e por falta de condições materiais da grande maioria dos edificios escolares, onde os alunos só conseguem banhos de chuva autentica quando o ceu a despeja a cantaros sobre os telhados esburacados.

* * *

DELEGADOS de varios centros republicanos, constituidos em comissão, preparam uma sessão publica, a efectivar num dos nossos teatros, com o fim de apreciar a campanha que está sendo feita por jornais monarquicos contra vultos da Republica, a proposito do contracto dos 50 milhões.

Nesta sessão prestar-se-há homenagem ás intenções do sr. dr. Afonso Costa.

E' possivel que o teatro Naçional seja cedido pelo sr. ministro da Instrução. Serão convidadas a usar da palavra figuras de todos os partidos da Republica.

* * *

O SR. Marinha de Campos conferenciou hoje com o sr. ministro das Colonias sobre a actual situação de Cabo Verde.

* * *

O SR. ministro da Agricultura conta poder iniciar ámanhã a execução do decreto que creou os três tipos de pão

* * *

DA'-SE como certa a nomeação do sr dr. Fernandes Costa para o cargo de ministro de Portugal em Madrid.

O sr. dr. Antonio Granjo conferenciou esta tarde com o sr. Ribeiro de Carvalho, parecendo que nessa conferencia convidou para sucessor do sr. Fernandes Costa na pasta do Comercio.

* * *

CONSTA-NOS que o escritor Manuel Ribeiro, cujo ultimo livro «A Catedral» tanta impressou causou no nosso meio literario, esteve recentemente em Espanha de visita a um dos conventos da Cartuxa, a fim de colher elementos para uma nova obra em que prosseguirá o estudo da arte e arquitectura religiosa, naquele romance iniciado.

* * *

EM Lourenço Marques foi preso um homem que vendia notas de banco, num jardim publico.

Esta noticia enigmatica parece dar a entender que as notas são comestiveis. Oh! se assim fôra...

CARTA DE PARIS

UM ENSAIO DE "LA PASSANTE" DEDICADO A PALMIRA BASTOS

Um jantar em casa de Henri Kistemaeckers—Uma festa intima no Teatro de Paris
A peça e o desempenho de Vera Sergine e Pierre Renois—Recordando Portugal

Paris, 19 de Setembro

Na proxima quinta feira o «Theatre de Paris» veste-se de solenidade: representa-se *La Passante* de Henry Kistemaeckers, peça a que me referi na minha ultima carta, E' a primeira noite de pompa.

Antes que Paris e a imprensa digam da sua justiça informo Lisboa de que os criticos dramaticos devem ser unanimes em reconher o valor do drama salientando o trabalho de Vera Sergine e de Pierre Renoir. E posso fazê-lo por que assisti a um ensaio de apuro em honra da sr.ª Palmira Bastos. Foi uma festa discreta e excepcional que surpreendeu a nossa distinta actriz não só pelo acolhimento testemunhado pelo autor e interprete, mas ainda pela maneira como se estuda e apresenta ao publico uma peça de responsabilidade.

Mas, para contar a historia do ensaio, devo referir-me ao seu inicio.

Comecemos, pois, por onde se deve começar.

* * *

A casa de jantar de Henry Kistemaeckers tem elegancia e tem riquesa. E' toda em obra de talha, genuinamente flamenga, incontestavelmente velha. Os moveis estão adornados por varias baixelas de prata, tambem muita velha; e das paredes, muito lá de cima, descem tapeçarias do Oriente. A roupa de mesa é de linho, as loiças são de Sèvres e os vidros de Saint-Lambert. Passa das sete da tarde quando se entra nesta dependencia quasi original na disposição, depois de alguns minutos de cavaco na sala dos quadros a oleo.

A' direita do famoso dramaturgo, senta-se a sr.ª PalmiraBastos que, por sua vez, dá a direita a Pierre Weber Filho.

Por mim, tenho boa companhia, acolitado por madame e mademoiselle Kistemaeckers.

E' um jantar que decorre animadissimo e o autor da *Exilada* faz revelações interessantes sobre a maneira como preside aos ensaios das suas peças. O ensaiador é ele, sempre ele, porque se presa de saber o que diz e de saber o que quere; tem muita honra em assumir a responsabilidade de tudo quanto manda fazer. Assim, quando lhe acontecer um desastre, queixar-se-ha da sua falta de talento e nunca da ignorancia ou da sabedoria dos outros.

De vez em quando, sua esposa lança uma frase de espirito, mesmo uma censura. Kistemaeckers, sorridente, diz á sr.ª Palmira Bastos:

Je vous previens, chère madame, que ma femme est un mauvais public!

Gargalhada geral, Mas este *manvais public*, que nem sempre é mau, começa a manifestar todo o entusiasmo pela ultima obra do marido «E' do melhor que ele tem escrito» diz. Então fala-se de *La Passante.*

—E a *première*, pregunto, quando será?

«Lá para depois do dia vinte.. aí por vinte cinco.

«Que pena!—intervem a nossa querida artista—Não posso assistir.

Kistemaeckers, que compreendeu o interesse com que a sr.ª Palmira Bastos ouviu o entrecho da peça, resolve um pouco o problema. «Vou preparar um ensaio para v. ex.ª. Ficará conhecendo o meu drama antes de Paris, mesmo antes dos meus amigos».

Bebe-se uma taça de champagne e, pouco depois, cada um corre para seu lado. O dramaturgo vai ensaiar até á meia noite e ma. a sr.ª Palmira Bastos segue para a Comedia Francesa, onde madame Piérat representa *Marrionettes,* de Pierre Wolff.

* * *

A's duas horas. H. Kistemaeckers manda levantar o pano. Na plateia, mesmo no edificio, há apenas três pessoas estranhas: a senhora Palmira Bastos, sua filha Alda e o signatario destas linhas. O autor-ensaiador vem explicar á nossa distinta actriz alguns detalhes da *mise-en-scène* e pedir benevolencia para algum inconveniente que possa dar-se. Ao mesmo tempo tambem diz que o ponto está na «caixa» mas que não fazia falta se estivesse na «rua». A peça está decorada por todos os interpretes. E o ponto, na noite da primeira representação, tem licença para beber cerveja e fumar cigarros.

O primeiro acto passa-se na Russia bolchevista. Não é um acto de preparação mas é um drama movimentado e original que, de scena para scena, prende e desenvolve o interesse do espectador. O dialogo é vivo e, por vezes, acalorado. Sob o problema politico, esconde-se um problema de amor, pressente-se qualquer cousa de muito grande. Mas não há uma scena amorosa, não há ternura, não há uma palavra nem um gesto que indiquem simpatia. Há sómente duas creaturas que procuram defender-se do perigo nacional. Tecnicamente, este primeiro acto é perfeito. Entusiasmo. Reveste-se de teatro, de logica e de novidade. Vera Sergine é admiravel!

O calor do segundo acto é maior ainda. Agora estamos em Paris. Uma princesa russa apaixonada pelo oficial francês que a salvou da miseria e da morte, torna-se colaboradora e confidente do mesmo oficial sem todavia lhe dizer que o ama. Ele quere-lhe muito mas é casado, e tambem não confessa o que sente. Todavia, sua esposa, não vê assim. Tem ciumes. Daqui, duas scenas empolgantes: a primeira, entre as três figuras; a segunda, entre a esposa e a suposta amante. E o acto termina brilhantemente por um golpe de telefone que permite a exteriorização de toda a magoa que vive no peito duma esposa honesta e dedicada. Vera Sergine é mais admiravel ainda e com certeza vai arrebatar o publico. Não pode deixar de ser. Quanto aos outros artistas, vê-se que estudaram a peça com muito carinho e que tiveram por ensaiador o proprio autor, pois H. Kistemaeckers passa por grande técnico em materia de bastidores.

Estes dois actos decorreram sem hesitações, absolutamente certos. Para interpretes desta natureza, conscientes e estudiosos, continuar os ensaios é quase um castigo. O ponto pode adormecer sobre a peça. E falta quase uma semana para o espectaculo!

Há meia hora para descanço e palestra. Henry Kistemaeckers apresenta a senhora Palmira Bastos ao celebre empresario Leon Volterra e á sua heroina madame Vera Sergine. Seguem-se outras apresentações. Está-se quase em familia. A nossa distinta actriz entretem-se particularmente com a sua colega francesa. Ouço-os falar do Brasil e devem falar de arte. Mas a conversa não é muito longa. Todos querem trocar impressões sobre o teatro em Portugal. Pierre Renoir refere-se á sua passagem por Lisboa, numa «tournée» de Huguenet e recorda o saudoso visconde de São Luís Braga. Nunca esquecerá o acolhimento do nosso publico e explica aos seus colegas que Portugal não é a Espanha; que a distinção entre os dois povos é enorme; que Lisboa conhece mais teatro que Madrid. Preparava-me para agradecer o elogio á nossa terra quando a senhora Palmira Bastos, mais espontanea, lhe foi apertar a mão dizendo: *Merci, mille fois merci!*

E' tão agradavel ouvir falar assim! Guitry, Huguenet, Brulé e outros tambem não dizem menos.

O ensaiador, que se afastara para ver como as coisas corriam no palco, pede licença para começar o terceiro acto. O interesse pelo drama continúa e não se prevê qual seja o desfecho. Francamente, é assim que se escreve uma peça de teatro. O autor emprega só as palavras indispensaveis e não consente que o publico possa adivinhar o que está para se passar. Espera-se, desde o primeiro, uma declaração de amor e—que arrelial—não ha maneira. Porque não falam estes dois entes que se amam? Bastaria um olhar. Realmente, o amor confessa-se, sim, mas é tarde, quando a princesa está ferida de morte pela mão dum traidor. Então, assiste-se a uma scena de ternura, desempenhada magistralmente por Vera Sergine e Pierre Renois—dois grandes artistas, não ha duvida. Fiquei mesmo com a grande impressão de que, qualquer deles, caprichou em fazer o maximo, lembrando-se que na plateia estava uma colega estrangeira. Prontificaram-se a ensaiar toda a peça só para ela. E chegaram ao maximo, artisticamente.

Não vos dou grandes detalhes sobre *La Passante.* Deixo a missão á sr.ª Palmira Bastos, se o quizer fazer, pois saiu entusiasmadissima, como deve sair o publico que tiver a sorte de assistir ao ensaio geral. A sorte, repito, porque já não ha bilhetes para as seis primeiras representações!

* * *

Os teatros vão acordando sem barulho e quasi sem interesse, reservando as novidades para o intimo do inverno. Insistem na *reprise* das peças de maior sucesso, porque a capital ainda está um pouco em vilegiatura e a burguezia não merece uma *première* de fama.

Na Gaité-Lyrique assisti á terceira representação da opereta *Le Coq a chanté*, que teria originalidade se não existisse uma outra, tambem escrita por franceses e que conhecemos por *Veronica.* Esta e aquela decorrem no tempo de Napoleão III e movimentam-se em torno dum casamento. O entrecho é velho para 1921, mas a musica é nova, alegre, por vezes sentimental, sempre bonita. E' uma partitura de agrado absolutamente garantido.

Brevemente falarei da proxima novidade: a peça de Pierre Wolff.

Carlos Alberto Ferreira

MAGAZINE

Um casamento "precoce"

E' para apostar que ninguem, ninguem é capaz de acertar com a idade dum habitante de Constantinopla que vai casar. Tem 146 anos e até á idade de 110 foi moço de fretes.

Este facto deve parecer inacreditavel, ou pelo menos unico desde os tempos biblicos de Matusalem. Não é tanto assim; desenterrando os arquivos da sociedade europeia, vamos lá encontrar casos que justificam quase a doutrina de Flourens, que disse: «O homem não morre, mata-se!» O que o não impediu de desaparecer do numero dos vivos aos 73 anos.

Entre esses casos extraordinarios mencionaremos: A «Gazette Française de Saint-Petersbourg» falava em 1825 dum velho que vivia nessa epoca, e que, com nove anos de idade, tinha assistido á morte de Gustavo-Adolfo, rei da Suecia, morto na batalha de Lutzen, em 1632; tinha, portanto, 202 anos de idade. Não havia possibilidade de engano, pois esse mesmo homem tinha 86 anos por ocasião da batalha de Pultawa, em 1709. Nascera, pois, sem duvida nenhuma, em 1623 e tinha 202 anos em 1825. Ignora-se a data da sua morte.

O conde de Saint Germain que costumava dizer que era imortal, vivera no tempo de Catarina de Médicis, de Carlos V e Francisco I. Se nos contentarmos em lhe dar por data de nascimento a epoca da morte da mulher de Henrique II (1589) vemos que morreu com 195 anos.

Thomás Parr nasceu em 1423, no condado de Shropshire, e morreu em Londres, *por desastre,* com a idade de 152, tendo casado em segundas nupcias aos 120 anos.

Logica generalisavel

No tribunal de Oran foram responder ha pouco dois indigenas, acusados de terem vendido o voto, por cinco francos cada um, nas eleições municipais.

Não é um caso novo; conta-se dum candidato que dava, nas eleições legislativas, cincoenta francos a cada um dos eleitores que fosse votar por ele, mas tendo o cuidado de lhes dar metade da nota antes e a outra só depois de validada a eleição.

Voltando, porém, áqueles dois arabes que foram responder no tribuual, ouçâmos a resposta que deram ao juiz.

—Se isso não rendesse nada, não merecia a pena ser eleitor!

Parece que é esta a logica da maioria dos eleitores e dos elegiveis.

Os selos actuais da Russia trazem os retratos de Lenine e Trotzky. Não vão acusa-los de imitar os reis, porquanto, se em muitos reinos, é costume terem os selos o retrato dos soberanos, na Russia, mal sairam os primeiros com os retratos dos Romanoff, foram retirados com o pretexto de que as figuras não estavam perfeitas, o que era uma ofensa para as augustas creaturas. Era a primeira vez que se tinha feito tal no imperio dos czares.

Nos Estados Unidos tambem só Washington e Franklin foram representados nos selos; a ideia de se fazer o mesmo a todos os presidentes da Republica foi recebida desfavoravelmente.

A noticia concernente ao Lenine e Trotzky é pois, sómente, uma curiosidade.

Mais centenarios

Além daqueles que já mencionámos outros centenarios igualmente dignos de nota existiram:

O norueguês Cristian Jacques Drakenberg, noscido em 1626, morreu em 1773, com 146 anos de idade e casou aos 111.

John Surrington que morreu em 1797 com 161 anos, deixou uma viuva, nova, e varios filhos, o mais novo dos quais tinha nove anos e o mais velho cento e três.

E por fim, falemos ainda de uma mulher que vive em Briolly (França), com mais de cem anos, da qual dizia ha pouco a «Semaine Religieuse d'Angers» que tem um olhar vivo como aos vinte anos, espirito leve, conversação simples e alegre, memoria perfeita e segura, rosto sem rugas, e sobretudo um coração bom e generoso. A sua distração predilecta é a leitura.

Alcançar cem anos é bastante frequente, mas com estes predicados todos. deve ser realmente um caso unico.

O PASSADO E O FUTURO

OS VELHOS E OS NOVOS

POR

RAUL LEAL

Eu sou daqueles que querendo criar uma obra nova, aproveito tambem, nas minhas criações, elementos velhissimos do Passado. Basta dizer que a essencia das minhas doutrinas está na combinação intima do hermetismo e do espirito medieval através as formas mais arrojadas dos tempos modernos. E porque eu procuro sempre estabelecer a sintese absoluta de tudo que passou e de tudo que existe ainda.

Uma obra humana de criação é sempre uma obra de sintese em que surgem combinados os mais diversos e até aparentemente contraditorios elementos dispersos na atmosfera mental de varias epocas. Todos os grandes sistemas, o de Platão e Aristoteles, a de Origenes, Santo Agostinho e S. Tomaz de Aquino, o de Spinoza, Leibnitz e Kant, são constituidos dessa forma. Mas até hoje só têm surgido nos varios sistemas sinteses parciais em que só um numero limitado de elementos se condensa; resta estabelecer a sintese total que condense o Infinito... E só então os membros dispersos de Osiris serão reunidos em absoluto.

E' essa sintese suprema que eu procuro criar. Conseguil-o hei? No futuro se verá. Seja como fôr, essa minha alta aspiração só prova que sendo essencialmente um espirito moderno, sou tambem amante de todo o passado. Á' minha sintese-Infinito não quero que falte nada, nem do que já existiu nem do que existe agora. Portanto, Almas do Passado, eu apelo para a vossa Sombra Augusta, certo de que não repudiareis a minha loucura genial, tão perto da vossa!

Desgraçadamente só quasi para a morte eu posso falar assim. Com rarissimas excepções, os velhos de hoje não são o Passado e porque não são nada! Poderão *produzir* muita coisa mas jámais souberam o que é *criar*. O actual movimento dos novos artistas e intelectuais portugueses contra os senhores velhos não é um movimento do futuro contra o Passado que a meu ver deve ser contido em espirito n'Aquele do mesmo modo que o presente. Tal criação tem motivos bem mais desoladores. E' a criação dos que *criam* contra aqueles que só *produzem*, incapazes, como são, de *criarem*.

E' que, convençam-se disso, não basta gritar aos quatro ventos que os velhos trabalham muitissimo; o que é preciso que se considere, e muito circunstanciadamente, é a *especie* de trabalhos que eles realizam. Se nos atiram á cara as obras de Junqueiro ou de Columbano, por exemplo, está certo; qualquer que seja a divergencia que haja entre eles e nós, não podemos deixar de reconhecer que qualquer deles foi alguem, e resta-nos apenas mostrar que tambem entre os novos há quem possa rivalizar com esses artistas e porventura excedê-los. Mas se procuram alargar-se muito, lançando-nos em rosto as obras mediocres de mediocrissimos senhores velhos, então temos conversado. Que nos importa a nós que o sr. Luciano ou o sr. Almeida tenha feito milhões de bugigangas que diz ser obras de arte? Isso não prova nada! E' um absurdo atender-se principalmente á quantidade, pondo a qualidade no ultimo plano. Convençam-se disso, meus senhores: aquele que mais trabalha nem sempre é o que mais vale. Pequenissima é a Obra de Antero e comtudo que Grande é! O mesmo posso, de certo modo, dizer de Mallarmé, de Cahn e tantos outros. Pelo menos não é indispensavel trabalhar-se muito para se criar e pode-se até não trabalhar nada, criando-se sem o minimo esforço que é sempre a essencia do trabalho e só prova a nossa actual inferioridade. Como seriamos grandes se pudessemos saltar por cima do tempo e portanto do esforço que é o trabalho!

Raul Leal

(Desenho de Almada Negreiros)

E eu tenho autoridade para não ligar nenhuma ao trabalho e ao sacrificio, pois poucos escritores têm produzido e criado com 35 anos o que eu tenho produzido e criado. E poucos se têm tambem sacrificado tão profundamente como eu á sua Obra e aos seus Ideais. Posso portanto falar de catedra. Que não tenho quasi publicações algumas, dirão. Mas creio que os senhores não chegam ao ponto de avaliar um escritor só pelo numero de obras que vende nas livrarias. Isso tambem seria demais!

Tenho pois autoridade bastante para protestar contra o suposto valor intrinseco do trabalho. Este só vale quando *criar* e pode-se criar sem ele ou quasi sem ele. Hoje trabalho muito menos do que trabalhava, há meia duzia de anos, e comtudo *crio* imensamente mais. Trata-se de ver se um artista ou um intelectual *cria* e não se procure ver se ele *trabalha*, o que é muito secundario. Ibsen era um mandrião e comtudo que Gigante! Que os novos não trabalhem nem criem, dirão, mas qual dos velhos seria capaz de fazer uma obra como «O Marinheiro», de Fernando Pessoa, a «Confissão de Lucio», de Mario de Sá Carneiro, o «Quadrado Azul», de José de Almada Negreiros ou qualquer das minhas obras?...

Acabe-se realmente com o culto sentimentaleiro do trabalho. O que escreveu Socrates? Nada! Foi apenas um excelente cavaqueador e comtudo o seu Genio divino encheu muitas epocas. Seria falhado mas isso só prova que muito grandes podem ser os falhados. No fundo, detesto-os mas admiro-os por vezes.

E Cristo, qual é a obra de Cristo? A que deixou na Alma dos Santos e dos Crentes! Outra não conheço, outra ninguem conhece. Refere-se Marinetti, creio eu, aos genios de café que só nesses estabelecimentos publicos sabem brilhar pelos pensamentos que soltam diante daqueles com quem convivem. Tais genios não podem, por uma deficiencia inacta de vontade, escrever uma linha, sendo autenticos falhados, e comtudo são enormes no que dispersam ao acaso. Pois bem; se Cristo voltasse, decerto não procuraria os campos e as encruzilhadas para prégar, não procuraria tambem as igrejas, aliás tão profanadas a partir da Renascença em que se sente os prenuncios de Antecristo-Razão, e porque, para satisfazer a sua furia genial de proselitismo, o Filho de Deus, o Verbo Encarnado em todos os antros preferiria entrar, sendo só assim conquistadas por Ele todas as almas humanas. Tornar-se hia então o Genio mais sublime dos Cafés e dos Clubs e adaptando-se á epoca, em vez de prégar, conversaria admiravelmente, expondo os Seus Altos Principios, duma forma bem diversa daquela por que os expoz outrora.

Quando os jezuitas foram pela primeira vez expulsos dos territorios portugueses, as missões que se estabeleceram no Ultramar ficaram pasmadas diante da religião que eles impuzeram aos povos e que bem pouco se parecia com o cristianismo. E' que os jesuitas são altos psicologos e portanto sabiam que só poderiam espalhar convenientemente o cristianismo se o adaptassem, primeiro, ao espirito e ás crenças dos povos a quem pretendiam impô-lo. Cristo, se aparecesse de novo, seguiria mais ou menos um processo identico. E o trabalho d'Ele seria nulo.

RAUL LEAL

CARVÃO
CARDIFF das minas do almirantado "Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")
A' DESCARGA
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. | Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 5094 Londres—56, Ludgate Hill
LUDOVICE, LIMITADA
Rua da Madalena 36, 2.º
TEL. C. 3379
Secção fiscal
Contribuições
Serviços fiscais
e Administrativos
Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A' PRIX ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá,
:-: chocolate e torradas :-:
Rua 1.º de Dezembro

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Viver

Uma sala de jogo num casino de praia. Mesas de bridge. *Ouve-se o sexteto. Junto da porta que abre para o salão, ELE e ELA, sentados, conversam.*

ELE, trinta e oito anos, magro, bigode á americana, fato escuro, elegancia sem pretensões. ELA, trinta e dois anos, quasi loira, beleza discreta, vestido de glacé preto, fichu de tulle branco, um grande chapéu de veludo preto.

ELA—Deve aborrecer-se profundamente.

ELE—Não sei porquê.

ELA—Por todos os motivos e mais alguns. Você goza duma confortavel independencia, que o desoccupa das dificuldades da vida...

ELE—Acha mal?...

ELA—Não, certamente, mas a falta de obrigações é um principio de aborrecimento. O trabalho pode fatigar, mas não aborrece.

ELE—Prefiro não experimentar.

ELA—Faz mal. Ignora um dos grandes interesses da vida.

ELE—Quem não a conhecesse diria que já trabalhou para viver!...

ELA—Eu, não. Trabalho apenas por gosto e por habito, para os meus e para a minha casa, mas vi trabalhar meu pai e vejo trabalhar meu marido. A minha existencia tem sido amparada por dois homens que me fazem reconhecer a satisfação util e a dignidade moral do trabalho,

ELE—Eu não tenho ninguem para amparar... felizmente.

ELA—O mal é talvez esse. Devia casar-se.

ELE—Deus me livre! O casamento inventou-se para as mulheres.

ELA—E' uma verdade que não é tão verdadeira quanto parece. Envelhecer sósinho é tão triste para o homem como para a mulher. Você ha de sêr um velho pessimo. Não é um mundano completo a quem a vida de sociedade baste. Não consegue esquecer-se do tempo numa mesa de bridge. *Não é coleccionador, nem homem de sciencia, nem literato... O que lhe resta, não tendo familia, quando chegar a velhice?*

ELE—A curiosidade, minha querida amiga, a deliciosa, a comodissima curiosidade impessoal, que não involve inquietação, nem ansiedade. Eu nasci espectador, creia.

ELA—Acho pouco.

ELE—Pouco? Mas é inexgotavel!... Tudo me interessa: a guerra e a politica, revoluções, evoluções, inventos; as artes e as sciencias, os grandes assuntos sociais e as intrigas de sociedade, o fait divers do jornal e o artigo da revista, o livro novo e o velho alfarrabio, o ultimo sucesso teatral e o drama-elegante mundano. Admiro o bric-à-brac *e recosto-me confortavelmente no* mapple. *Aproveito o automovel e visito o museu dos coches... Acho as mulheres encantadoras e vivo sem paixões... absolutamente livre e tranquilo.*

ELA—Que tristeza!

ELE—Que tristeza? Mas em quê? O que ha de melhor na sua vida?

ELA—Tudo. Até os desgostos, Quem não vive, ao menos um pouco, pelo coração sabe lá o que é viver! Eu adoro o meu marido, os meus filhos, a minha casa, o que dá sentido, cuidado e carinho a todas as minhas acções. Ainda me sobeja tempo e alegria para as pessoas amigas e para um bocadinho de vida mundana, que, não sendo excessiva, é uma distracção. Deus me livre dessa aridez abominavel, que nem intelectualmente tem preferencias ou paixões!...

ELE—Acha melhor sofrer, não? Por que inevitavelmente sofre, Quem vive pelo sentimento?...

ELA—Acho melhor, sem duvida. De tudo a que temos afeição nos pode vir desgosto?... Emboral, E' preferivel a ser uma criatura artificial, como você, fóra das leis naturais da vida...

ELE—Quere dizer: alguem que conseguiu livrar-se da escravidão?...

ELA—Trabalhar, sofrer, sentir, não é ser escravo...

ELE—E'?...

ELA—Viver.

Maria de Carvalho

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

OS BAIRROS NOVOS

Daria algum resultado a fiscalização das obras pelos operarios?

O sr. Joaquim Cardoso, secretario geral da Federação da Construção Civil, diz-nos

que ela constitue uma das formas de obrigar os mestres de obras e proprietarios a proceder honestamente

O scenario da entrevista de hoje, é diferente daqueles que o jornalista usa pincelar. Nem gabinete de ministro, com aquele desconforto que caracteriza os lugares de trabalho de funcionarios de tal categoria, nem sala de estar de homem endinheirado que considere a arte genero indispensavel á vida. Estamos numa sala ampla, de mobiliario modesto, cujas peças não revelam o menor traço de parentesco, em que o sr. Joaquim Cardoso, no desempenho do seu cargo de secretario geral da Federação da Construção Civil—o organismo proletario que o leitor melhor conhece, por tantas vezes o ter visto apreciado nas colunas dos periodicos—nos recebe com aquela familiaridade com que o extremismo social substituiu o já tão reduzido protocolo, em que emolduramos os actos de cada dia.

Vamos ali saber cousas acêrca das garantias de segurança que os bairros novos oferecem aos seus habitantes—uma questão que a todos interessa e de que o *Diario de Lisboa* ainda o outro dia se ocupou. O entrevistado vai falar. Antes, relanceia o olhar para um quadro que faz mancha na parede fronteira e onde há um titulo, *acção sindical*, que deve constituir a doutrina-guia das suas declarações. Depois:

—Os principais responsaveis da maneira deficiente como se têm construido os bairros novos são, primeiro, os proprietarios, que assim os mandam fazer, em seguida a Camara, que tacitamente aceita esses condenaveis processos industriais.

—Mas os operarios, a sua Federação, por interesse proprio, por interesse da cidade, que fazem?

—Ha muitos anos que a federação reclama contra a forma como se realizam certas obras. E' cousa velha, que vem de ha dez anos... Principalmente, o que desejamos, é uma fiscalização nossa. Os fiscais do municipio não teem a independencia precisa, porque ha superiores e estes, ás vezes... Repare: os nossos fiscais não receberiam qualquer remuneração; seriam uma especie de delegados dos sindicatos e a eles subordinados.

—Vantagens?

—O quê? Sobre a fiscalização da camara? Uma basta e não é pequena. Emquanto que os empregados do municipio aparecem nas obras de oito em oito dias, e é quando aparecem, nós exerceriamos uma fiscalização efectiva, que não se descuidaria um dia, uma hora. Em vez de cem ou duzentos fiscais que veem as construções de longe, haveria alguns milhares dentro delas. Já vê...

—E a camara municipal?

—Nada, não aceitou nada. Tem medo de nós, não sei porquê. Neste caso, limitamo-nos a velar pela segurança da população e pela seriedade profissional da classe. A ser estabelecida a fiscalização operaria, uma das cousas que acabava, era a parede a taipal, tambem chamada *companheiro surdo*...

—Que diabo é isso?—exclamámos, surpreendidos por designações tão estranhas.

O entrevistado sorriu-se. De resto, os entrevistados sorriem-se sempre que trazem para a conversa qualquer pormenor que atraz de si arrasta a ignorancia do entrevistador. Depois, explicou:

—A parede, para que fique solida, deve ser feita, simultaneamente, por dois operarios. Cada um trabalha a sua face. Mas os mestres de obras gananciosos erguem um taipal, que cobre uma das faces e permite dispensar um dos pedreiros. Disto resulta uma certa economia de dinheiro, não ha duvida. Mas o peior é que a alvenaria do lado do taipal fica inconsistente, sem uada que a trave. A parede a taipal constitue o factor principal dos desmoronamentos...

—Um perigo...

—Não tenha duvidas a esse respeito. A maior parte das construções ultimamente feitas, estão pregadas ao solo com alfinetes. Por exemplo, o bairro das Baldracas, um bairro novo que se está a construir junto á rua Morais Soares, oferece poucas garantias de segurança. Estão a levantá-lo sobre um aterro. Para que o cabouco ficasse em terra firme, seria preciso rasgá-lo até uma profundidade de dez ou quinze metros. Mas como isso custa dinheiro... param o cabouco a qualquer altura. Um ano apoz a construção, os primeiros andares devem estar onde estavam os rés-do-chão.

—Há outras causas da má construção?—inquirimos.

—Sim. Admissão de trabalhadores sem competencia profissional, por exemplo. Há mestres de obras que, só para não pagar os salarios atuais, engajam quantos desgraçados encontram na provincia, a troco de qualquer pataco. Que trabalho bom, sólido, podem fazer, se do oficio nada percebem?

Recordámos a entrevista que o *Diario de Lisboa* publicou há dias com um engenheiro da Camara Municipal:—E se os projectos fossem assinados pelos arquitetos? Sempre era uma garantia...

—Está enganado. O mal não está no projecto. Está na forma como o executam. Desde que se trabalhe com um bocadinho de consciencia, a população pode estar inteiramente sossegada acêrca da solidez das suas habitações.

A conversa tinha-se prolongado demasiadamente. Joaquim Cardoso acumulava diante de si papeis, muitos papeis. O sindicalismo tem tambem alguns dos defeitos da burocracia. Porque não queriamos importunar mais, fizemos uma ultima pregunta:

—E que tencionam vocês fazer?

—De novo, nada. Ainda ha dias entregamos á Camara Municipal, uma representação, em que este caso das construções, é largamente tratado. Vamos a ver o que resolvem os actuais locatarios do largo do Pelourinho...

Saimos. Loreto fóra, caminho da redacção, fomos a olhar as construções pombalinas, que ainda constituem enxame na cidade antiga. Cento e vinte sete anos são decorridos desde a reconstrução de Lisboa, e emquanto os edificios de desenho sobrio mas solidez garantida, erguidos pela vontade de Pombal, continuam a desafiar os seculos, aqueles que modernamente foram construidos, ameaçam ruina a cada momento. Diz-se por aí que a Humanidade progride...—*S. P.*

LER AMANHÃ:

Uma carta inedita de

ALMEIDA GARRETT

onde o grande escritor declara ser o Porto, sua terra natal,

"a unica terra em que teria ambição de ser eleito"

CIDADE DE MISERIA

UM ALBERGUE NOS BANCOS DA AVENIDA

A' falta de casas baratas e á falta de recursos, vivem familias inteiras ao longo da Avenida da Liberdade

Lisboa é uma cidade de miseria. A vida encareceu a tal ponto, que só pode viver em Lisboa quem tiver largos recursos ao seu alcance. Não há orçamento de familia que resista aos embates da alta dos preços, que vai seguindo sempre uma linha ascensional, apesar de várias tentativas que se têm feito no sentido de pôr termo ao espirito de ganancia desmedida que se apossou da peixeira, do homem da mercearia, do carniceiro, da mulher da hortaliça...

Ao lado do custo exagerado que os generos de primeira necessidade atingiram, os senhorios, e, principalmente, os sublocatarios elevaram o preço das rendas até ao incomportavel. Não se pode morar em Lisboa. Um quarto mobilado — e ás vezes que mobilia! — custa cincoenta, setenta, oitenta e cem escudos!

Se a vida se torna insuportavel para a classe média, os pobres não podem decididamente viver. E não são apenas os pobres; são os inválidos, os cegos, os indigentes...

Os serviços da Assistencia Publica ainda têm entre nós uma organização primitiva. Está demonstrado que, por falta de verba e por falta de casas proprias, a Assistencia não pode recolher todos os inválidos e todos os indigentes.

E, como não há ainda em Lisboa habitações para os pobres, a Avenida da Liberdade oferece todas as noites a quem passa depois das duas da madrugada o triste espectaculo da mais miseravel das misérias. Há familias inteiras — de sete pessoas — que se enroscam em dois trapos e passam ali a noite, num daqueles bancos que a camara municipal mandou colocar para maior comodidade das gentes. Há criancinhas que passam a noite ao colo da mãe. A Avenida da Liberdade, a essa hora, é a página mais triste do livro da cidade.

Os vultos enroscam-se como sombras, vivem numa promiscuidade que deixou de ser imoral para ser plena de miséria. A policia passa e limita-se a olhar para o outro lado, como toda a gente. E o que havia de fazer a policia? Que meios tem ela ao seu alcance para reprimir a mendicidade? Não basta dizer a essa pobre gente que se alberga nos bancos da Avenida: «Fora daqui! E' proibido não ter casa para dormir!» E' necessario cuidar da Assistencia, urgentemente, carinhosamente.

O sr. ministro do Trabalho elaborou já o seu plano de reforma. Tanto quanto o tem permitido a indiscreção dos jornalistas, conhecem-se já alguns pontos da futura organização da Assistencia Publica. E' um trabalho perfeito? Depois de aprovado pelo Parlamento, deixará de haver mendigos em Lisboa? E' natural que produza beneficos resultados, tanto mais que o sr. ministro do Trabalho aceita todos os alvitres de pessoas que se julguem autorizadas a emitir uma opinião sobre o assunto. Todas as competencias podem colaborar na lei — se quizerem. Mas é possivel que seja demorada ainda a aprovação dessa proposta de lei. Até lá e até que as autoridades não tomem as necessarias providencias, os bancos da Avenida continuarão a dar-nos o espectaculo triste da miséria da cidade...

Ministro das colonias

Está trabalhando na sua organização o titular desta pasta

O sr. ministro das colonias continua trabalhando activamente nas modificações que pretende introduzir na organização do seu ministerio.

A CIDADE

GENTE DE CORAGEM

UM PARTIDO QUE NÃO QUERE MORRER

A' falta de deputados e á falta de popularidade, os socialistas vão consagrar-se á educação do nosso povo

O partido socialista já não tem deputados, já não fornece ministros, já não constitue parcela do estado maior da politica nacional. Fugiu dos Passos Perdidos e dos Bairros Sociais, para se acoitar no centro da rua do Bemformoso—um modesto segundo andar que enfrenta com uma fábrica, simbolo capitalista, cuja vizinhança parece não inspirar a êsses inimigos da actual ordem social repugnancia de vulto... Agora, o P. S. P. faz uma vida de familia muito interessante e que permite aos seus filiados manter aquela reputação de bons rapazes, há muito firmada.

Como constitue um valor politico passivo, pretende transformar-se num valor popular eficiente. Assim, dará inicio, dentro de curtas semanas, a uma grande obra de educação popular. Conferencias numerosas, numerosissimas, realizadas por criaturas de nome — eis o prato de resistencia do «menu» educativo que o P. S. P. tenciona ofertar ás massas ignaras. Depois do pão a 2$00 e $64 o quilo — sempre é uma compensação. Constanos mesmo que o proposito dos socialistas, agora revelado, foi sugerido, em parte, por um conceito da Biblia, que encerra uma semi-solução da questão das subsistencias — *nem só de pão vive o homem...*

* * *

Os socialistas estão unidos — a sua união oferece mesmo maiores garantias de consistencia que a *união sagrada* de proxima e saudosa memoria. Aqueles alviçareiros da politica que entendem que a verdade é virtude que na época corrente tem foros de crime, anunciaram, há pouco ainda, dissenções. Podemos dizer: — E' falso. O sr. dr. Ramada Curto, um dos pseudo-dissidentes, continua incondicionalmente no P. S. P. Simplesmente, como dentro de um mês ou dois, se deve realzar em Tomar o congresso do partido, aquele politico assumirá ali aquela atitude que a consciencia lhe indique e êle julgue mais consentanea com os interêsses do socialismo em Portugal. Tudo isto nos foi dito pelo conhecido advogado. Aqui reproduzimos as suas declarações em letra redonda — sem consentimento prévio que nos esqueceu pedir, mas que êle decerto não negaria — porque o jornalista, como é verdade corrente, é um homem virado do avêsso, que diz o que os outros calam.

* * *

Sobre socialismo, uma ultima noticia: — A' falta de deputados, que transmitam á opinião publica os produtos da cerebração partidaria, deve, dentro em breve, aparecer um jornal que, nos dominios da letra redonda, desempenhará papel identico. Coisa modesta, um semanário apenas, que se propõe fazer a critica, naturalmente modesta tambem, daqueles casos que têm salpicado a sociedade portuguesa de manchas de aspecto bem desagradavel.

Escola de Torpedos

Nomeação do seu 2.º comandante

Regressou a Lisboa o ex-capitão dos portos de Timor, o capitão de fragata sr. Montalvão da Silva, que vai organizar os serviços da armada e nomeado 2.º comandante da Escola de Torpedos e Electricidade.

OS NOSSOS ACTORES

A vida de Nascimento Fernandes na scena e fóra da scena

Como o popular actor, indo para o Brasil simples caixeiro viajante, se fez artista e como casa, descasa, se divorcia e se tornará brevemente a casar o que, ele conta ao "Diario de Lisboa"

Uns passos leves no corredor e Nascimento Fernandes entrou na sala, muito palido, rosto cansado, de pjama escuro e já fazendo um cigarrinho.

—Desculpe a demora, sim? Mas estive esta noite muito mal; durmo de barriga para baixo... Já não posso cear!...

Nascimento Fernandes encolhera-se num «maple»; o jornalista deitou-se noutro e circunvagou o olhar pela sala. Na parede, em molduras ovais, Nascimento Fernandes pela fotografia, passara á posteridade todos os seus papeis. Era uma galeria de humor epico, de gradações de riso, gargalhada estoirante, e até, gargalhada grave, circunspecta, mais ainda quetodas as outras, com guizeiras de comico nas repregas dos labios. Havia tambem um Nascimento Fernandes, todo chapeu alto, laço branco e capa de seda, fumando impavido um charuto real.

Nascimento Fernandes

E para reatarmos a conversa:

—Mas de que padece, você, Nascimento Fernandes?

—Estomago... intercolite. Na Suiça deime bem. Sabe: uma agua italiana, um leite fermentado e um medico excelente. Não posso cear!

—Ceou demais...

—Agora nem por isso, acredite. Ontem, por exemplo, comidas simples. Cá tenho a dôr.

Lapidámos uma fraze:

—Então o «az» vai para o Eden?...

—Vou, mas aquilo é uma desgraça! Tenha ás costas a companhia. Gente boa; mas a responsabilidade é grande...

—Dividida com os empresarios...

—Não! Não entendem nada. Olhe: o Barreiros, sabe de descargas de carvão e só pensa em ganhar dinheiro; o Augusto, o do Apolo, vende porcos e meteu-se ao teatro...

—E tiveram olho.

—Em Fevereiro, fechei o mês no Apolo com quarenta contos de ganho, para o empresario. Ele, depois, não foi para o Brasil; embarcou para o Porto e lá—eu tinha-lhe aconselhado o contrario — perdeu...

No capitulo de percas e ganhos era bom preguntar a Nascimento, como «az» de primeira classe, quanto o Eden lhe dava. Respondeu assim:

—Sou um «az» dos mais modestos, dos de dois contos e quinhentos... E tenho que ser director artistico, ler peças e lidar com os artistas. Os empresarios não sabem lidar com gente de teatro. Acredite: mais vale uma festinha pelo lombo do que um bom ordenado.

Procurámos um lapis. O ditado *em casa de ferreiro espeto de pau* fez com que Nascimento Fernandes nos sentasse á sua secretaria.

O tinteiro era sumptuoso, a tinta azul, depois preta no dizer do reclamo, mas o aparo!... Emperrava, riscava o papel.

—Você não escreve, Nascimento?

Riu-se o actor.

—Bem instalado, hein! O teatro dá...

—Tenho ganho fortunas, mas sou um mãos rotas. Empresto dinheiro a toda a gente, que já se vê...

—Não paga. E' da ordem do dia...

—Fui já duas vezes ao Brasil: Da primeira, voltei com dois tostões em prata; da segunda, quarenta contos de ganho que gastei e mais dez que seguiram o mesmo rumo dos quarenta... Emfim, tenho sido muito feliz e apesar de não ter vintem cá vou vivendo...

Nascimento Fernandes, nesta altura, avisado pelo jornalista que se tinha de confessar ao publico, não se surpreendeu.

— Como comecei, pregunta você! Mas assim: a familia embarcou-me para o Brasil, com umas amostras de vinhos e azeites. A bordo, José Ricardo e a sua companhia. A chalaça, a conversa e a sedução. Quando cheguei ao Rio, *rabulei*. Num jantar de jornalistas, imitei um cómico que estivera no Coliseu. Parti pratos, mesmo muitos pratos; encontraram-me graça e fui partir pratos para o teatro do Ricardo...

—E depois?

—A' volta, em Lisboa, a familia protestou. Uma irmã viscondessa, o pai... Meu Deus!

—Teimou?...

—Pudera! Fui ao Ruas e estreei-me no Apolo com a *Feiticeira*. Nove mil réis por mês e ainda o oficio de secretario...

— O papel preferido?

Nascimento perdeu-se um instante em remembranças. Passou a mão pela testa, acendeu um cigarro, deu uma volta no «mapple». Depois:

—Do «Major Magnezia» gostei. Lá estava a Lucinda do Carmo...

— O Nascimento Fernandes estuda os papeis?

— Leios-os três vezes, ao deitar. Depois, o rolinho debaixo do travesseiro... Mas tenho um medo horrivel das «prémières». Sou como o Brazão. Dois dias sem comer, encolhido, receoso. Se uma vez até tiveram que me dar eter e agua de flôr de laranja, á entrada de scena!

— Mas, que diabo! O publico perdôa-lhe já uma escorregadela...

Sim, concordo! — disse o actor com um mimo infantil.

A confissão continuava:

— Qual é dos seus colegas que gosta menos? Não negue; há sempre um...

— Mas, não, não! Gosto de todos. O Amarante, por exemplo. Sintra, em noites de luar, cachoeiras de prata nos regatos e sentimentalismos doces de paisagem, muita vez nos ouviu cantar o fado...

— O Amarante regenerou-se...

— Já ninguem o vê. Tem dinheiro, sabe? Dois prediositos, uns cem contos de réis e a Satanela. Tambem não gasta na-

(*Ver continuação na 8.ª página*)

OS TEATROS

Intrigas de bastidores

A desvalorisação do escudo—oh! a desvalorisação do escudo!—privou-nos de aplaudirmos nos teatros de Lisboa algumas celebridades estrangeiras que costumavam visitar o nosso país, pelo menos uma vez por ano—como na confissão. Passaram pelo antigo D. Amelia alguns mestres da scena franceza; vieram a Lisboa as «estrelas» de maior brilho da ribalta; dizem os nossos avós que no seu tempo havia bom teatro em Lisboa...

Mas—ai!—depois da guerra, o escudo lembrou-se de começar a descer, á medida que as celebridades começaram a subir de preço. E nunca mais o teatro estrangeiro foi ouvido em Lisboa na sua propria lingua e representado pelos seus autores de maior fama.

Não desanimem os aficionados de teatro francês. Vera Sergine, a ilustre actriz do «Théâtre de Paris», que vai criar a última obra de Kistemaeckers, tenciona voltar este ano á America do Sul, e, de passagem, dará algumas representações em Lisboa, com as modernas peças do teatro francês. Até lá... é saber esperar...

Atraz do repostelro

—«Vamos ter opera no Coliseu». Assim o dizia ontem alguem que muito de perto conhece os nossos meios teatrais.

Procurando informações, soubemos, ainda que com custo, pois que o segredo é a alma do negocio, que para a companhia está já contractado o baritono Agostini Thémes que ha sete anos se afastou da scena lirica, mas que ainda conserva a voz em toda a sua pujança.

Este artista faz parte da companhia de opera «Scognamiglio».

—A companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho estrear-se-ha no teatro Sá da Bandeira, do Porto, no proximo dia 1 de outubro, com a «reprise» da peça «A Inimiga», de Dario Niccodemi, tradução de Eduardo Schwalbach.

—O teatro que se pensa armar num dos talhões do Aterro consta-nos que se intitulará Teatro Recreios do Povo.

—A actriz Magda Arruda parte brevemente para Espanha, explorando o genero de variedades.

—O primeiro acto da opereta «A mulher electrica» é passado na antiga feira de Alcantara.

—A fantasia «Pau de dois bicos», em ensaios no Eden, para apresentação da companhia Nascimento Fernandes, tem vinte e oito numeros de musica, e o guarda-roupa é fornecido pela Empresa de Materiais de Teatros.

—A festa artistica de Henrique Santana que no sabado se realizou no S. Luís, decorreu entusiastica. O publico aplaudiu calorosamente todos os artistas da companhia e Nascimento Fernandes, Erico Braga, Deolinda de Macedo e Adelina Fernandes que obsequiosamente tomaram parte no espectaculo. Deolinda de Macedo desempenhou com muita graciosidade um numero da revista «Maré de Rosas» e Adelina Fernandes cantou primorosamente alguns fados.

Em Paris

Na *Comedie Française* começou a marcar a nova peça de Edmond Sée a actriz Pierat que interpretará principal papel. Esta peça foi escrita expressamente para a ilustre artista.

—O novo romance de Sarah Bernhardt aparecerá no mereado parisiense antes do Natal.

—A nova peça de Pierre Wolff representar-se-ha em novembro.

—Abriu sexta-feira o teatro «Comedie Mondaine» com a peça «Saexon» de Bernstein.

—A assembleia geral da Sociedade de Medicina voltou a protestar contra a peça de André Pascal intitulada «Le Caducée». O Gimnasio, teatro onde ele está em scena, continúa mantendo-o no cartaz e dizem que por capricho...

Reclames

S. LUIS—Sai de scena, irrevogavelmente, na actual semana, a revista «De capote e lenço».

CHIADO TERRASSE—Começou ontem, domingo, com grande affluencia de publico, a venda avulso para a primeira recita da companhia Luz Veloso.

EDEN—Foi ontem o sexto domingo em que se representou a revista «Tic-Tac», que se repete hoje.

AVENIDA—Já estão á venda os bilhetes para a estreia neste teatro da companhia Satanela-Amarante que se efectua com a opereta «Flores da Noite».

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—Fechado.
APOLO—A's 21,30—«O burro em pé».
AVENIDA—Fechado.
POLITEAMA—A's 21,15—«João Ratão».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
SALÃO FOZ—Animatografo e variedades.
GIL VICENTE—A's 21—«A Martir».
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

PROVINCIAS

Em Tortozendo

O mau estado das estradas

Tortozendo, 23

Já o dissemos uma vez e temos de o repetir agora: — é uma vergonha o estado de conservação das estradas deste concelho, tanto as do governo como as da camara. Vem isto a proposito duma reparação que andam fazendo na estrada da Covilhã, a dois quilometros pouco mais ou menos desta povoação. A estrada que passa sobre uma mina de agua oferecia pouca segurança, de modo que foi necessario construir uma abobada de pedra, para não haver necessidade de abrir um buraco na estrada, com mais de metro e meio de diametro, a qual oferece um perigo constante para quem passa, principalmente de noite. Tal buraco, cuja profundidade deve andar por uns 2 metros, não tem o minimo resguardo, de maneira que nestas nestas escuras que vêm fazendo, ha todas as probabilidades de alguns animais ali se precipitam sofrem as consequencias do desleixo, da malandrice (desculpem-nos o termo) de quem deve olhar por estas coisas. Onde pára o sr. chefe de conservação? E' de conservação apenas para se conservar repimpadamente em sua casa?

Iluminação e higiene publica

São dois verdadeiros padrões de gloria! Nem candieiros, nem a mais pequena lamparina se vê luzir nestas noites escurissimas como breu. Porque será? Nós não o sabemos; apenas sabemos dos encontrões que damos e levamos de noite, por essas ruas, quando nos vemos obrigados a transitar por elas. E ás vezes, além dos encontrões, lá vem um banho, sem que nos digam: «Agua vai» Emfim, um verdadeiro regalo esta vida em Tortozendo, com as ruas cheias de lixo e imundicies, completamente escalavradas e, de noite, sem iluminação. E', mal comparado, um trecho real da vida da idade-media.

Senhora da Oliveira

Vai grande entusiasmo pelas festas que se devem realizar no fim deste mês ou principio do que vem, em homenagem á Senhora da Oliveira, orago desta freguesia, e que se espera que sejam de grande pompa.

O tempo e a agricultura

Tem chovido muito e trovejado alguma coisa. O tempo está perfeitamente outoniço, tendo a temperatura baixado sensivelmente, embora o sol quando aparece seja bastante quente.

A agricultura beneficiou muito com estas aguas que têm caido. As vindimas vão muito adiantadas, parecendo que, em geral o vinho é de melhor qualidade e em maior quantidade que no ano anterior.

Em Castanheira de Pera

Imposto "ad valorem"

Castanheira de Pera, 24

O imposto «ad valorem» continúa a servir de peia á industria desta região, agravando, assim a crise aflitiva que vem atravessando. A camara, supondo-se a dona disto, entregue ao melhor dos comodismos, abre e fecha, quando abre e fecha, á hora oficial, sem preocupar-se com os que para tratar da vida precisam de trabalhar. Tem obrigação de encarregar pessoa que a qualquer hora faça a cobrança e passe a guia á maneira do que se faz noutros concelhos, apesar de não serem industriais como este, para que não onere tal imposto, já de si tão odioso, com a perda de dias. Ainda ontem aconteceu apreenderem ao sr. Domingos Fernandes de Carvalho 7 fardos de fazenda, que ele á ultima hora teve de mandar para Pombal.

Ficaram no caminho á espera que a camara resolva deixar que sigam ao seu destino, quem sabe se já depois de perdida a venda.

Baptisados

Efectuou-se ontem o baptismo de dois filhinhos do sr. dr. José Frederico Serra, recebendo um o nome de Joaquim e outra o de Maria da Conceição, e foram padrinhos, respectivamente, o sr. dr. Joaquim Frederico Serra, juiz em Tomar, e o sr. dr. Gaspar Teixeira de Queiroz C. de C. e Vasconcelos, juiz em Viana do Castelo, e madrinhas as sr.as D. Maria do Carmo Bebiano e D. Rosa Frederico Serra.

Em Odemira

Desastre

Odemira, 24.

Uns menores encontraram nos suburbios da aldeia de S. Martinho das Amoreiras, deste concelho, um foguete, que acenderam, o qual, explodindo, esfacelou uma mão a Manuel Antonio da Atalaia, de 17 anos de idade, que vai seguir para o hospital de S. José.

De visita

Encontra-se entre nós, com sua familia, o sr. dr. João José Baptista, medico em Lisboa.

Aniversarios

Passa hoje o aniversario natalicio da gentil menina Maria Madalena de Morais Palmeiro Santos, filha do nosso amigo Antonio Fortunato Simões dos Santos, proprietario e industrial.

—No dia 17 do corrente passou o aniversario natalicio da sr.ª D. Maria Isabel Portela da Silva, esposa do nosso amigo Antonio Portela da Silva, comerciante.

Trovoada

Pairou ontem sobre esta vila, uma forte trovoada acompanhada de chuva torrencial e algum granizo, tendo as ruas atingido grande porção ds agua.

Nascimento

Deu ontem á luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Galvão Ribeiro, esposa do sr. dr. Francisco José Nobre Ribeiro, notario e advogado nesta comarca; mãe e filha estão bem.

Falta de pagamento

Os funcionarios da administração deste concelho eclamam contra a falta de pagamento da ajuda de custo de vida, que anda sempre com grandes atrazos.

—Os agentes recenseadores da população deste concelho reclamam o pagamento das suas gratificações por aquele serviço, que ha nove meses foi concluido, e que ainda se conservam em divida.

Teatros

Encontra-se nesta vila um grupo de artistas dramaticos, sob a direcção do actor Joaquim Ferruira, que nos dias 24 e 25 dão dois espectaculos no tea..o da Sociedade Recreativa Odemirense.

Recaptura

Foi recapturado em Aljezur Eduardo da Silva Branco, natural de Odeceixe, daquele concelho, e ha tempo evadido das cadeias desta vila, para onde vai ser removido.

Em Constancia

A escola do sexo feminino

Constancia, 22

Pedem-se providencias, a quem competir, para o facto de até hoje ainda não ter principiado a fucionar a escola do sexo feminino da séde da freguesia de Montalvo.

O edificio está concluido e mobilado ha bastante tempo, tendo sido doado á camara, nos termos da lei n.º 1:114 de 2 de fevereiro ultimo. O respectivo processo foi organizado em devido tempo e enviado á direcção geral de instrução, e o edificio já foi inspeccionado por tecnicos.

O governo prestaria um grande serviço á instrução ordenando a abertura da escola que, certamente, vai ser muito frequentada, devido ao grande numero de creanças em idade escolar.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 27:

Resa-se S. S. Cosme e Damião, Marttres, simplex, paramentos vermelhos, na missa propria 2.ª oração.

LAUSPERENE na igreja do Loreto.

FESTIVIDADES:

Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8,30, missa.

Loreto, ás 11, missa; ás 17, Terços Benditos, por musica.

Novena a S. Francisco, Ordem 3.ª da Cidade, ás 8,30, por musica.

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios, no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO

Escritorios: Nas termas. Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-BRASILEIRA

"SAGRES"

Autorizada por portaria n.º 892, do Governo Português

Capital emitido Esc. 2.000.000

Capital realizado Esc. 700.000

SEDE SOCIAL Rua Aurea, 191 LISBOA

Telef. Exped. C.2.961 Direcção C-2.657

Teleg. SEGURAGRES

Representantes no Brasil Soto Mayor & C.ª

Filial no Rio de Janeiro R. 1.º de Março, 61-1º

Banqueiros: Pinto & Sotto Mayor

Seguros terrestres e maritimos, seguros de guerra, seguros agricolas, seguros postais

Delegado no Porto Pinto & Sotto Mayor

Agentes em todo o país

Agente Geral em Espanha CARLOS SANCHEZ CUTILLAS Alcalá, 4—MADRID

DINHEIRO

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores

n'A COMERCIAL

18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)

TELEFONE C. 3:992

N.º 18 Folhetim do DIARIO DE LISBOA 26-8-921

INTIBAH OU As Aventuras D'Ali Bey

POR

KEMAL BEY

A magestade da solidão trouxe-lhe uma prostração tanto fisica como moral em todo o seu ser. Os pesadelos oprimiam-no. Por outro lado, a imagem de Mehpeyker não cessava, como um demonio disfarçado de anjo, de lhe perturbar a consciencia. O infeliz teria consentido em dar alguns anos da sua vida para readquirir a sua passada tranquilidade.

Ali longe de o acalmar, o proprio desejo do sôno não produzia maior efeito que aumentar a violencia das emoções do seu coração. A poder de dissecar os seus sentimentos, chegou á completa convicção de que a sua ferida era muito profunda e larga para ser curada pela sua persistencia em querer imprimir um outro rumo ás suas idéas. Apesar de saber, sem sombra de duvida, que Mehpeyker era indigna não sómente de amor, mas ainda de um simples olhar terno, nem por isso deixava de a amar, perdoando-lhe todo o seu passado e sacrificando-lhe a sua vida, a sua honra...

Não podia tolher-se de agitar na sua pobre cabeça todos os projectos selvagens e todas as idéas tenebrosas que o sitiavam.

Alternativamente, mostrava se decidido a matar Mehpeyker por ter tido a audacia de travar conehcimento com êle, não obstante a sua notoria falta de virtude e, sobretudo, não se ter conservado pura para êle, ou em seu lugar todos os que haviam usurpado a felicidade que a sua imaginação lhe creara; emfim, julgando que a vida sem Mehpeyker não tinha encantos, projectava suicidar-se. Todavia, não tinha forças para tomar uma resolução decisiva, por achar os seus projectos impossiveis ou inuteis. Devido aos sofrimentos que sentia no cerebro, nos nervos e no coração, umas vezes tornava-se frio como o gêlo, outras tremia, apoderando-se dêle uma febre ardente que lhe inundava o corpo de suor. Se, de tempos a tempos, adormecia, acordava em sobresalto, oprimido por horriveis pesadelos e imaginava, ao abrir os olhos, que as suas visões tomavam corpo e se erguiam diante, na sua frente.

Como estava habituado, desde certa data, ao amor, principiava a sentir uma estranha volupia nas suas dôres. Mas como o desespero e o ciume não convinham á sua natureza, era-lhe impossivel afazer-se a êstes dois sentimentos dolorosos. Estas atribulações acabrunhadoras não acabaram esta noite. Todas as vezes que se fechava no seu quarto, a sua tortura renovava-se, sob uma outra forma, e de uma maneira mais violenta ainda.

As perplexidades e os tormentos do mancebo marcavam-se-lhe no rosto e as insonias de várias noites acabaram por fazer dêle um cadaver ambulante.

Entretanto, para não causar inquietações a sua mãe e para não ser taxado de sentimentalismo pelo seu camarada, tratava, tanto em casa como na repartição, de se mostrar alegre, conseguindo assim iludir uma mulher simples e um joven pouco perspicaz e ocultar-lhes a sua tristeza. O seu maior desejo era então achar-se o maior numero de vezes possivel com Atif Bey. Porque, sendo obrigado, na sua companhia, a ocupar constantemente o seu espirito para poder dissimular a sua grande dôr, sucedia-lhe algumas vezes esquecer-se dela.

A unica esperança que lhe restava era ver Mehpeyker e romper com ela por uma scena violenta. O desgraçado fazia êste raciocinio: — «Se mentir, a sua propria mentira, e se confessar, a sua propria impudencia farão com que se me torne aborrecida, destruindo o meu amor».

Como podia prever que a vibora que se enrolara em tôrno do seu coração não era de indole a largar a sua prêsa, quer pela colera, quer pelo desdem. Como descobrira a verdade num domingo, era forçado a esperar até sexta feira para a ver.

Os dias pareciam-se do tamanho de seculos, o que concorria para aumentar a sua angustia. Chegou, finalmente, a desejada sexta feira. Ali Bey saltou da cama logo ao romper da manhã, encaminhando-se para o lugar onde se tinham encontrado pela primeira vez, com a mesma ansia e ardor que se o amor conduzisse os seus passos.

(*Continua*).

NO ESTRANGEIRO

A CONFERENCIA DO DESARMAMENTO

DISCUTE-SE OS DIREITOS DA FRANÇA Á OCUPAÇÃO DO RENO

A Inglaterra constitue um obstaculo aos desejos da França?

O direito da França á ocupação da margem esquerda do Rheno, até completo pagamento das indemnizações por parte da Alemanha, continua sendo discutido activamente em França e em Inglaterra.

O «Daily Telegraph», que está em geral bem informado ácerca das intenções do governo britanico, exprime a idéa de que esta questão poderá ser levantada e discutida em Washington, depois de várias explicações e hipoteticas promessas, cujo conteudo se pode resumir assim: Não há razões para que a França tema que a Inglaterra se oponha á ocupação dos territorios até pagamento completo das indemnizações; se a Inglaterra não oferece mais garantias de auxilio á França, a culpa não é dela mas das proprias condições do tratado tripartito, cuja realidade por parte da Inglaterra dependia da aprovação do senado americano.

Nesta clausula do tratado se tem baseado a Inglaterra para escusar a sua atitude indiferente de agora; perante a analogia em que colocam a sua situação com a dos Estados Unidos, pode dizer-se que toda a aliança terminou entre os dois principais aliados.

E' verdade que esse tratado, pelo qual a Inglaterra e a America se comprometiam a defender a França no caso de um ataque, não provocado, por parte da Alemanha, tratado que por vontade de Wilson seria ratificado pela Sociedade das Nações, recebendo assim a mais alta sanção moral, é verdade, dizemos, que esse tratado só seria obrigatoriamente valido para a Inglaterra se fosse aprovado pelo senado americano; se o não fosse, a Inglaterra poderia ou não comprometer-se por ele, conforme entendesse. Recusando-se a adoptá-lo, como se recusou, a Inglaterra serviu-se de um direito proveniente das proprias condições do tratado; mas é bom lembrar os termos dos primeiros documentos que iniciaram as negociações para esse tratado. Depois de lembrar as condições em que ficara estabelecida a defesa da fronteira do Rheno, estreitamente ligada com a ocupação até final pagamento, o documento transmitido a Clemenceau dizia: «Como estas condições podem não dar ao seu paiz uma segurança e protecção de confiança, consinto em apresentar ao Senado, para lhe pedir a opinião e a adesão, um tratado com a França... pelo qual os Estados Unidos (ou a Grã Bretanha) serão obrigados a acorrer imediatamente em socorro do vosso paiz, em caso de um ataque não provocado». Estas palavras não podem deixar de ser lembradas quando se vê a sequencia das negociações e quando se quere apreciar a evolução e a situação verdadeiras das relações entre os aliados, cuja base é, como se sabe, o auxilio a prestar á França em caso de necessidade.

«A Inglaterra», termina o «Daily Telegraph», no artigo a que já nos referimos, «não podia suportar sósinha todo o peso». Ora a Inglaterra tinha tratado sósinha com a França e com a Belgica em 1839, uma promessa formal de auxilio, no caso de violação da neutralidade belga. Em 1914 a Inglaterra não olhou sequer para os Estados Unidos; veiu ao continente. Mas, depois da guerra não quiz sequer tomar parte na convenção militar, puramente defensiva, com a Belgica e a França, convenção que, protegendo a neutralidade belga, protegia igualmente a fronteira norte da França. Vê-se, pois, que as relações da França e da Inglaterra, baseadas unicamente numa amizade muito apregoada mesmo quando se atacam seriamente, são singularmente menos estreitas do que eram desde 1839, e não parece que, alem de promessas, a Inglaterra faça grande coisa para as tornar mais fortes.

A SUPREMACIA DOS MARES

O TRAFICO NO CANAL DO PANAMÁ

O primeiro logar pertence á America e o segundo á Inglaterra

Os navios britanicos que passaram no Canal durante os ultimos sete anos

LONDRES, 26.

O pavilhão britanico ocupa actualmente o segundo lugar no trafico do Canal do Panamá. O primeiro pertence aos Estados Unidos. O seguinte quadro serve para comparar o numero total de navios que passaram o canal durante estes ultimos anos e o papel desempenhado pela marinha mercante britanica:

Anos	Navios ingleses	Total de navios	Percentagem
1915.....	465	1.088	42
1916.....	358	787	45
1917.....	780	1.876	41
1918.....	699	2.130	33
1919.....	502	2.025	30
1920.....	753	2.478	30
1921.....	972	2.892	33
	4.629	13.276	254

Depois de ter sofrido uma sensivel diminuição no ano de 1916, o movimento actual torna novamente a aumentar tanto no trafico como no trafico britanico.

A CAMPANHA DE MARROCOS

Os ultimos combates na região militar de Melilla

As baixas no inimigo e o entusiasmo das tropas espanholas

MELILLA, 26.

Confirma-se o brilhante resultado obtido nos combates na região de Melilla, em que intervieram as tres armas. Nota-se grande quebrantamento no inimigo, devido ao grande numero de baixas que sofreu. As nossas forças tiveram muito poucas baixas, reinando sempre um grande entusiasmo. — (U. P.).

Consequencias dos ultimos encontros

MELILLA, 26

Os kabilenos de Quebdana estão muito divididos depois dos ultimos combates.

Celebraram uma reunião em Xaf-Xaf, tendo havido grande discussão, de que resultou uma rixa na qual ficaram alguns feridos. — (U. P.).

A despedida de tropas em Barcelona

BARCELONA, 26.

Prepara-se uma entusiastica despedida ao batalhão de Alcantara, que partirá hoje para Marrocos. Celebrar-se-há uma missa campal e o bispo abençoará as tropas. Assistirão ao acto todas as autoridades civis e militares e representações de todos os corpos da guarnição com musicas e bandeiras. — (U. P.).

DAS "SUBSISTENCIAS ALEM-MAR"

A AMERICA E O CUSTO DA VIDA

Nos meses de junho e julho houve uma estabilização nos preços

Devido á ultima séca os generos alimenticios sofreram uma ligeira subida

NEW YORK, 26.

O custo da vida, que tem baixado há já algum tempo, parece ter entrado actualmente num periodo de estabilização. Efectivamente, de junho a julho, as variações são insignificantes, como o prova a seguinte estatistica:

	1921	Numer. indices 1920	
	Julho	Junho	Julho
Produtos agricolas.....	115	113	236
Generos alimenticios...	134	132	268
Petroleo	184	187	317
Metais	125	132	191
Materiais de construção	200	202	333
Produtos quimicos	163	166	217
Mobiliario.....	235	250	362
Grão.....	149	150	243
Varios...	148	148	262

Os generos alimenticios sofreram uma ligeira subida em consequencia da seca. Acerca dos metais, produtos metalurgicos e materiais de construção, registou-se uma sensivel diminuição. Os outros numeros indices mudaram apenas.

NOTICIAS DE ITALIA

Os "fascisti" de Toscana e o tratado de pacificação

Um telegrama do secretario dos "fasciti" do Toscana para Bonomi

ROMA, 26

O secretario dos fascisti da Toscana telegrafou ao sr. Bonomi, que em vista das recentes agressões dos comunistas, o «comité» regional dos fascisti tinha resolvido considerar como nulo o tratado de pacificação e que recomeçariam a cuidar de si proprios, por todas as maneiras, da defesa da patria. — (U. P.).

As colheitas da Sicilia são destruidas por um ciclone

ROMA, 26.

Um ciclone passou sobre a Sicilia, produzindo grandes estragos na região de Syracusa, destruindo as colheitas e inundando a parte baixa da cidade. — (R.)

DE BERLIM

O conflito com a Baviera

BERLIM, 26.

Espera-se solucionar o conflito com a Baviera por meio de varios acordos entre eles, estipulando-se que as suspensões dos jornais nos Estados particulares teriam recurso para um tribunal arbitral contra as decisões do governo alemão. A Baviera, para consolidar a sua situação interna, teria um prazo para levantar o estado de sitio. — (R.).

AS GRANDES OBRAS DA ENGENHARIA

RECORDA-SE A CONSTRUÇÃO DO TUNEL DE S. GOTHARDO

Ha 48 anos que os mineiros perfuraram o seio da montanha

Mais dois anos e haverá cincoenta anos que se iniciaram os trabalhos de abertura do tunel de S. Gothard.

Durante sete anos trabalharam ali os homens de sciencia e os homens de esforço muscular.

Diz a geologia fisica que, por cada 33 metros que se desce abaixo da superficie terrestre, a temperatura aumenta de 1º. Avalie-se a temperatura a que trabalhavam aqueles homens, sob uma altura de terra de 2.700 a 2.800 metros, ainda que não demos áqueles dados uma precisão matematica, quando chegaram ao centro da montanha.

Trabalhavam nus, numa atmosfera carregada com os vapores das explosões; as mulas morriam ao fim de trabalharem ali dois ou três dias.

Não se podia empregar para abrir um tunel que devia passar a uma tal profundidade o sistema ordinario em montes de pouca altura, que consiste em abrir poços, do fundo dos quais se começa a escavar a galeria para um e outro lado. Quem podia pensar em cavar um poço de 2.700 metros de profundidade?

A galeria só podia ser aberta pelas extremidades, tornando-se o trabalho muito mais longo e muito mais penoso, pela ausencia completa de luz e de ventilação.

Para abrir o tunel usava-se o sistema de exploração das pedreiras; faziam-se cavidades que se enchiam de dinamite, que depois explodia e avançava a entrada sob a terra de um metro até 1m,50. Para fazer essas cavidades utilizaram-se maquinas perfuradoras, que trabalhavam por meio de ar comprimido e eram constituidas por um pistão terminado por uma ponta de aço, dando de 500 a 600 pancadas por minuto. Seis maquinas destas, trabalhando ao mesmo tempo, realizavam um avanço diario de quatro ou cinco metros, numa altura e largura de 2m,50. Atraz destes operarios seguiam outros, encarregados do alargamento da galeria e de revestirem as paredes do tunel com pedras de cantaria.

A perfuração da galeria era uma fonte de surpresas e alegrias para os geologos; de vez em quando o pistão batia numa parte menos resistente — um alçapão — de onde saia um fio de agua; depois da explosão descobria-se uma cavidade coberta de cristais magnificos que scintilavam á luz das lampadas dos mineiros.

Uma vez os mineiros deram com um filão de quartzo aurifero; o trabalho avançou muito menos porque os mineiros procuravam o ouro...

Chegados ao centro da montanha, nem só o calor e o mau estado da atmosfera dominavam os homens; sabiam que do outro lado outros homens trabalhavam como eles e que em breve, caido o ultimo pedaço de rocha, haviam de se encontrar; a ansiedade crescia; quando apenas mediavam 15 metros entre eles, sentiam as pancadas do pistão do outro lado. Emfim! uma ultima explosão e de ambos os lados se ouviu o mesmo grito: Viva a Italia! Os mineiros eram todos italianos.

Para celebrar este grande acontecimento foram distribuidas a todos os trabalhadores medalhas em prata e bronze, cunhadas admiravelmente. No verso tinham as armas da Italia, da Suiça e da Alemanha, cuja união realizara aquele trabalho, tendo por baixo: «Viribus unitis». No reverso, em italiano e alemão: Aos trabalhadores da abertura do S. Gothard, com a data do acabamento, 1880.

Só um homem faltava naquela festa: o engenheiro Louis Favre, que havia perecido no tunel em 1879, vitima de um aneurisma, a cujo tumulo, coberto de rosas dos Alpes, os operarios se dirigiram em romaria.

OS NOSSOS ACTORES

A vida de Nascimento Fernandes na scena e fora da scena

(Continuação da 5.ª pag.)

da; nem quarenta mil réis numa ceia! Sou muito amigo dêle.

— E de quem mais?

— Do Artur Rodrigues...

— ?...

— Aquele que entra com uma criança no quadro «Colegio de Meninas»... No S. Luiz, homem! Bom rapaz. E o Alves da Cunha!

—O duelo da gargalhada...

— Aquí o tem, pintado pelo Frederico Aires.

Era já noutra sala. Uma criada entrou, anunciando o café.

— Ofereceu-me isto, o Alves da Cunha. Ele queria que eu fosse para o Ginasio, mas não vou. Ele faz pouco dinheiro. Quero-lhe oferecer, no dia da sua festa artistica, um tinteiro de bronze.

Admirámos o quadro: os dois duelistas, classicamente em mangas de camisa, olham-se. Um muro branco; duas corôas de flôres no chão; Nascimento Fernandes em frente; Alves da Cunha, em atitude de fôrça.

— Se lhe puder fazer uma referencia... Gosto muito dêle.

— E' casado? Solteiro? Posição intermédia?

— Fizeram-me uma partida no Brasil: casaram-me. Então, tambem quere que lhe conte isto?... Era uma corista; sangue na guelra; asneira certa. A companhia bramou; Galhardo aconselhou patriarcalmente... A corista não queria, mas casei-me. Depois, outra... depois, ainda, Amelia Pereira. Muito ciumenta! Mas muito! Tambem me casei.

— E agora?

— Divorciado. Mas já lhe anuncio outro casamento...

— O terceiro!

—Que quere!... A familia reclama.

E, depois de um cigarro e de um café:

— Este ano é o ultimo que faço revista. Catorze anos! Quero fazer comedia; organizar uma companhia minha.

— Nascimento?

— Diga.

— A entrevista tem que acabar. Há meia hora que falamos. Desça o pano.

— Pronto. Ofereço-lhe os meus préstimos...

Ainda um cigarro. *Artur Portela.*

ANGELO DA FONSECA

Ao contrario do que alguns jornais têm noticiado, somos informados de que o ilustre professor sr. dr. Angelo da Fonseca não sai actualmente para o estrangeiro, retomando os seus serviços nos hospitais da Universidade de Coimbra, no dia 1 de Outubro proximo.

Além-mar

O ministro das colonias trata dos famintos de Cabo Verde

O sr. ministro das colonias está tratando de melhorar a triste situação dos famintos de Cabo Verde, atendendo assim ás constantes reclamações vindas daquele arquipelago para se acabar com tão grave situação.

Fixação dos vencimentos dos funcionarios de S. Tomé

O governador de S. Tomé fixou os vencimentos de categoria, exercicio, subvenção colonial e subsidio eventual, a todos os funcionarios civis e militares da colonia, incluindo os de marinha colonial.

Um subsidio á camara municipal da mesma provincia

O mesmo governador determinou que fôsse concedido um subsidio á camara municipal de S. Tomé para esta poder manter a banda de musica.

O cruzador "Republica" vai substituir a canhoneira "Patria"

Em consequencia da canhoneira «Patria», no serviço da marinha colonial em Macau, se achar em fabrico muito demorado, consta que provavelmente irá para aquela nossa colonia o cruzador «Republica».

MALAS POSTAIS

Pelo Canadá

Pelo «Canadá» são ámanhã expedidas malas postais para os Açores e New York, sendo ás 12 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 10.

Ultimas Noticias

A ACÇÃO DA C. GERAL DO T.

Realizar-se-ha um congresso na primavera do proximo ano

A C. G. T., que tão reduzida influencia tem tido na sociedade portuguesa, ao contrario da sua antecessora, a U. O. N., pretende iniciar um periodo de intensa propaganda entre as classes operarias. Do primeiro passo dado nesse sentido, resultará a remodelação do seu actual orgão, *A Batalha*, que—no dizer dos proprios cegetistas—está longe de corresponder ao intuito com que foi criado. Depois, tenciona a central dos sindicatos operarios, realizar um congresso nacional, em obediencia ao que foi deliberado na ultima assembleia desse genero, ha dois anos realizado em Coimbra. Este efectivar-se-ha, possivelmente, na primavera do proximo ano, devendo funcionar na Covilhã ou no Porto.

General Abel Hipolito

Tomou hoje posse do comando da G. N. R.

Cêrca das 16 horas tomou posse do cargo de comandante da guarda republicana o general sr. Abel Hipolito. A posse foi-lhe conferida pelo seu antecessor general sr. Bernardo Faria. A ceremonia, que passou quasi despercebida, limitou-se ás praxes do estilo. O novo comandante escolheu para seu ajudante de campo o capitão sr. Alvaro Costa.

O novo comandante convidou o coronel sr. Freiria para chefe do E. M. daquele corpo

Segundo consta, o sr. Abel Hipolito. novo comandante geral da guarda republicana, vai convidar o sr. coronel Freiria para chefe do estado maior daquele corpo.

Pela instrução

Uma circular aos delegados dos inspectores escolares

Em circular aos inspectores escolares foi determinado que os seus delegados nas juntas escolares informem imediatamente de qualquer nomeação interina, feita pelas juntas, a fim de, quando se averigue ter sido ilegal, fazerem saber directamente ao interessado que não deve aceitar tal nomeação e que, caso insista em entrar em exercicio, será dada ordem á repartição de contabilidade para que não lhe sejam abonados quaisquer vencimentos, não sendo depois atendida qualquer reclamação que porventura venha a fazer, solicitando aquele pagamento, visto a ele não ter direito, como era do seu conhecimento.

Liceu de Setubal

Foi para o «Diario do Governo», a lei elevando a central o liceu de Setubal.

EM COLARES

Visita a igreja paroquial o sr. cardeal patriarca

COLARES, 26

O sr. cardeal patriarca visitou ontem a igreja paroquial de Colares. Ha cêrca de setenta anos que esta freguezia não era visitada por um alto prelado. A's varas do palio pegaram os srs. almirante Canto e Castro, Eduardo de Morais, E. Burnay, F. Rocha, J. de Almeida e C. Chichorro. Tambem faziam parte do cortejo os srs. Eduardo Coelho Ferreira, secretario da sua eminencia, os priores das igrejas de S. Martinho e de Santa Maria de Cintra, rev. José F. Cardoso, coadjutor de Santa Izabel e Augusto Marques Soares, capelão dos srs. viscondes de Pernes. Sua eminencia orou com eloquencia durante quasi uma hora sobre a necessidade da observancia das leis da Igreja. Depois ministrou o sacramento da crisma a grande numero de crianças e de adultos.

DO BRASIL

Morte dum sargento aviador

RIO DE JANEIRO, 25

Deu-se um novo incidente de aviação. Um aparelho, pilotado pelo sargento aviador Manoel Afonso, caiu de grande altura morrendo imediatamente o cabo mecanico Antonio Maria e ficando gravissimamente ferido o sargento.—(A.)

As cotações

Cotação do café, 10$00; cambio s|Londres, 8 7|16 e 8 1|2; valor do escudo português, $79, $81.—(A.)

O CONTRATO DOS "DOLLARS"

Continua a instrução do processo no 2.º juizo de investigação

O director da policia de investigação criminal, sr. dr. Reis Junior, enviou hoje ás casas bancarias de Lisboa e Porto o seguinte oficio:

«Rogo a V. Ex.ª a imediata liquidação de todas as operações com as casas bancarias que fazem parte do *Crédit Internacional de Anvers*, que são: Fonseca Araujo, Banco Lisboa e Açores, Banco Comercial de Lisboa e Internacional Mercantil & C.ª L.da, e bem assim com os membros dos respectivos conselhos de administração, tudo por forma a que as diferenças a favor das mesmas sejam depositadas na Caixa Geral de Depositos á ordem do sr. juiz do 2.º juizo de investigação criminal de Lisboa.»

O sr. dr. Julião Sarmento, juiz do 2.º distrito criminal, ouviu hoje o sr. Manuel Emidio da Silva, que é representante duma casa bancaria.

Ainda não foram enviados ao 2.º juizo do distrito criminal os relatorios dos peritos, relativos aos exames feitos ás casas bancarias.

O sr. dr. Julião Sarmento tenciona ouvir ainda hoje mais algumas individualidades implicadas no caso dos 50 milhões de «dollars» que não podem ser intimadas devido aos cargos publicos que exercem e a quem aquele magistrado solicitou a sua comparencia para evitar situações que são sempre morosas, por obediencia a praxes burocraticas.

A GUERRA NO ORIENTE

Grandes combates entre servios e albaneses

LONDRES, 26.

Têm havido grandes combates entre servios e albanezes, com grandes perdas de ambos os lados. Os albaneses, segundo comunicam de Roma, foram atacados no Drina, tendo repelido os servios e fazendo prisioneiros.

Os albaneses, entre os prisioneiros que fizeram aos servios, acharam muitos soldados russos, que pertenciam ao exercito do general Wrangel. — (R.).

A VIDA EM INGLATERRA

Churchill e a resolução da questão irlandesa

LONDRES, 26.

O sr. Wiston Churchill fez importantes declarações ácerca da situação irlandesa em Dundee. Receando-se perturbações da ordem por parte dos desempregados, a policia tomou precauções, tendo, contudo, os desempregados pretendido quebrar o cordão policial, mas sem sucesso. Depois do comicio, o ministro das colonias retirou-se por uma porta excusa, guardado pela policia, indo tambem guardado por policias no seu automovel. Durante o seu discurso, Churchill disse que não via muita razão para optimismo e que tinha graves ansiedades ácerca da resolução da questão. O ministro declarou mais que tinha duvidas ácerca da posição dos dirigentes ingleses, mas o governo tinha-se já libertado de peias. Churchill declarou que não se fariam mais concessões, porque a oferta do governo tinha ido até onde podia ir. — (R.).

O "ultimatum" aliado á Hungria

LONDRES, 26.

O texto do «ultimatum» aliado á Hungria, ácerca da evacuação de Burgenland, chegou a Londres no sabado, assinado pelo sr. Briand. O «ultimatum» exprime a surpresa dos aliados por a Hungria não aceder aos seus desejos e concede dez dias para evacuar aquele territorio, passados os quais, as potencias aliadas reservam-se o direito de sem nova notificação usar as medidas que forem julgadas necessarias ou empregar a fôrça. — (R.).

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Julia de Serpa O'Neill, D. Sara Burnay Paiva de Andrade, D. Beatriz Benjamin Pinto Gonçalves, D. Maria Isabel da Gama Berquó, D. Joaquina Maria Cristina Romana Gavazzo, D. Maria Isabel Aires de Gouvela (Alcoforado) e D. Maria Amalia Rebelo de Andrade.

E os srs.:

D. Mannel José Carlos de Carvalho da Cunha e Lorena (S. Vicente), Carlos Guerreiro e Henrique Manuel Reinaldo.

Veraneios elegantes

No Monte Estoril

As noites no Grande Casino Internacional do Monte Estoril continuam com uma animação extraordinaria, vendo-se ali reunidas todas as noites uumerosas familias da nossa primeira sociedade, ouvindo os deliciosos concertos e admirando os belos films, findos os quais se dança até bastante tarde.

Em virtude da falta de espaço com que lutamos vemo-nos forçados a retirar a elegantissima nota da assistencia.

No Estoril

O concurso hipico tem decorrido pouco animado, tendo ontem comtudo já estado mais senhoras. Ámanhã, estamos certos, de que será um elegantissimo «rendez-vous», visto realizar-se o «Grand Prix», que está despertando grande interesse.

Em viagem

Regressou de Vila do Conde o sr. conde de Farrobo.

—Está em Penamacôr o sr. dr. Oliveira Monteiro.

—Partiu ontem para Paris o sr. Manuel Belo.

—Parte ámanhã para Barcelona e Paris, o sr. José Martins Castelo Lopes, empresario gerente do Cinema Condes.

—Com sua esgosa, regressou a Lisboa o sr. D. Fernando de Serpa.

Bolsa de Lisboa

Dia 26

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	45$	49$
s|Londres cheque	6 9|16	6 7|16
» 90 d. v.	6 11|16	—
Rio s|Londres	8 11|32	—
s| Paris	704	713
s| Italia	405	415
s| Belgica	600	710
s| Suissa	1700	1725
s| Espanha	1250	1300
s| Berlim	90	95
s| Holanda	3080	3182
s| Nova York	9800	9994
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	7 1|2
» » » » Portugal	—	—
Agio do ouro	—	—

COT ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	—
» s|Londres	—
» s|New-York	—
» s|Berlim	—
Paris s|Londres	—
» s|Madrid	—
» s|Genebra	—
» s|Berlim	—
Londres s|Paris	52,30
» s|Roma	—
» s|New-York	3,73
» s|Berlim	408,50
» Amsterdam	11,71
» s|Genebra	21,60
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

GOTA
Tratamento hidro-mineral — Lamas radio-activas—Mecanoterapia
ESTORIL — TERMAS